



Influências burguesas no Anarquismo

Luigi Fabbri

**Danças das Idéias
2025**

Influências burguesas no anarquismo

Luigi Fabbri

Danças das Ideias
2025

Edição original:

Influências burguesas no anarquismo

Luigi Fabbri

Tópicos: anarco-comunismo , ideologia burguesa ,
linguagem , mídia , violência

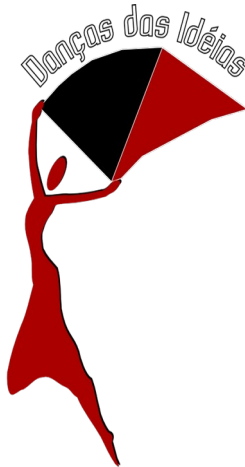
Data: 1914

Fonte: Recuperado em 1/2/2020 de

<https://libcom.org/library/bourgeois-influences-anarchism>

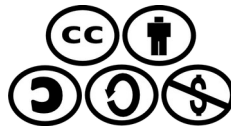
Notas: Texto do anarquista comunista italiano Luigi Fabbri escrito por volta da época da Primeira Guerra Mundial, abordando problemas decorrentes dos estereótipos do anarquismo na cultura popular e o efeito negativo que isso teve no movimento anarquista real. O original em italiano está disponível em:

<https://www.liberliber.it/online/autori/autori-f/luigi-fabbri/influenze-borghesi-sullanarchismo/>



tradução livre por Dança das Idéias
diagramação Barricada Libertária
Campinas/SP-Brasil, 2024

<https://anarkio.net>
e-mail: lobo@riseup.net



Influências burguesas no anarquismo

Literatura Violenta e Anarquismo	05
Influências burguesas no anarquismo	12
Anarquistas e o uso da violência	24
Linguagem violenta em polêmicas e propaganda	30

Literatura Violenta e Anarquismo

Para evitar mal-entendidos, precisamos primeiro esclarecer nossos termos. Não existe uma teoria de “anarquismo violento”. O anarquismo é uma combinação de doutrinas sociais que têm como base comum a eliminação da autoridade coercitiva, humana sobre humana; e a maioria de seus partidários repudia todas as formas de violência e a considera legítima apenas como uma forma de autodefesa. Mas, como não há uma linha precisa separando defesa e ataque, e como o conceito de defesa pode ser entendido de maneiras muito diversas, aparecem de tempos em tempos atos violentos, cometidos por anarquistas como uma forma de rebelião individual, direcionados contra as vidas de chefes de estado e representantes da classe dominante.

Classificaremos essas manifestações de violência individual como “anarquismo violento”, e isso apenas por conveniência, não porque o nome reflita a realidade. De fato, todos os movimentos políticos, sem exceções, tiveram períodos em que atos violentos de rebelião foram cometidos em seus nomes — geralmente quando esses movimentos se encontravam em um ponto de extrema oposição às instituições políticas ou sociais dominantes. Atualmente, o movimento que se encontra, ou parece se encontrar, na vanguarda e em oposição absoluta às instituições dominantes é o anarquismo; é lógico então que as manifestações de violência contra essas instituições dominantes assumam o nome e certas “características especiais do anarquismo”.

Dito isto, quero fazer uma breve observação sobre algo que parece ter passado despercebido: a influência da literatura sobre manifestações de rebelião violenta e a influência que ela recebe de tais atos.

Naturalmente, deixarei de lado a literatura clássica, embora você certamente encontre justificativa para crimes políticos em Cícero, na Bíblia, Shakespeare, Alfieri e em todas as obras históricas passadas de mão em mão na juventude. Nas histórias de Judite na Bíblia e Brutus na história antiga, até mesmo com Orsini e Agesilao Milano na história moderna, encontra-se toda uma série de crimes políticos pelos quais historiadores e poetas fizeram, às vezes, desculpas injustificadas.

Mas não quero falar desses crimes, porque fazê-lo me levaria muito longe, porque não seria difícil ver neles o jogo de diversas circunstâncias que lhes dão características diversas. Desejo apenas me referir àquela literatura que tem uma

relação direta e aberta com o tipo de ato político atualmente caracterizado como “anarquista”.

Desde 1880, atos de "anarquismo violento" têm ocorrido continuamente, com o maior número ocorrendo no período de 1891 a 1894, especialmente na França, Espanha e Itália. Não sei se alguém percebeu, mas precisamente neste período floresceu, especialmente na França, uma literatura sensacionalista que não hesitou em glorificar ao sétimo céu todo ato "anarquista" violento, incluindo até mesmo o menos compreensível e justificável; e sua linguagem foi verdadeiramente uma instigação à propaganda pela ação.

Os escritores que se dedicaram a esse tipo de esporte literário violento estavam quase todos completamente fora do movimento anarquista; eram extremamente raros os escritores em quem a defesa literária e artística coincidia com uma persuasão teórica verdadeira e natural, com uma aceitação consciente das doutrinas anarquistas. Quase todos eles trabalhavam em suas vidas privadas e públicas em completa contradição com as coisas e ideias terríveis que defendiam em artigos, em romances, em contos ou em poemas. Acontece com grande frequência que se encontram declarações "anarquistas" muito violentas nas obras de escritores que são amplamente conhecidos por pertencerem a partidos diametralmente opostos ao anarquismo. Mesmo entre aqueles que por um momento pareceram ter abraçado seriamente as ideias anarquistas, apenas um ou dois mais tarde mantiveram essa direção intelectual. (Os únicos que consigo lembrar são Mirbeau e Eekhoud.) Os outros, depois de apenas dois ou três anos, passaram a apoiar ideias totalmente contrárias àquelas que haviam promovido anteriormente com tanta virulência.

Ravachol, que mesmo entre os anarquistas é o tipo de rebelde violento que recebe a menor simpatia, encontrou numerosos apologistas entre os literatos, de Mirbeau a Paul Adam, nos últimos anos um místico militarista, que falava do terrível dinamizador da forma mais paradoxal possível: “Finalmente”, parafraseando Paul Adam, “nestes tempos de ceticismo e baixaza, um santo nasceu para nós”. Mas ele não era um santo como o “santo de Fogazzaro” para quem hoje Paul Adam pode estar inclinado a escrever um pedido de desculpas. O mais curioso é que os tipos literários tinham uma propensão a aprovar mais aqueles atos de rebelião que os militantes

anarquistas menos aprovavam por causa de seu caráter antissocial extremamente óbvio.

Quem não se lembra da expressão desumana, esteticamente agradável, embora possa ter sido, de Laurent Tailhade (que mais tarde se tornou um nacionalista militarista) em um banquete oferecido por “La Plume”, o notável periódico intelectual parisiense, durante a epidemia de explosões de dinamite em 1893? Naquele banquete para poetas e escritores, Tailhade, em referência aos ataques a bomba, pronunciou a conhecida frase: “Que importam as vítimas se o gesto é bonito?” Desnecessário dizer que os militantes anarquistas desaprovaram essa teoria estética da violência em nome de sua filosofia e movimento; mas a frase foi dita e teve seu efeito.

O nacionalista Maurice Barrès, que havia escrito um romance marcadamente individualista, *L'Ennemi des lois* [“O Inimigo da Lei”], que os anarquistas circularam como propaganda, escreveu um artigo logo após a decapitação de Émile Henry (cujo ato foi severamente julgado por Élisée Reclus) cheio de admiração e entusiasmo. Não ousou reproduzir nem um pequeno fragmento dele porque na Itália certas coisas não podem ser ditas, mesmo sob os auspícios da documentação literária; mas quem quiser satisfazer sua curiosidade pode ler o “Journal” de Paris, 28 de maio de 1894 e sair completamente esclarecido sobre o assunto.

Em relação a Vaillant, que era um anarquista que jogou uma bomba no parlamento francês, não podemos esquecer o que foi escrito no dia seguinte à sua execução por François Coppée, o célebre poeta nacionalista, aliado e candidato dos clérigos: “Depois de ter lido os detalhes da decapitação de Vaillant, fiquei pensativo... Apesar de mim, outro espetáculo surgiu bruscamente diante do meu espírito. Vi um grupo de homens e mulheres pressionando uns contra os outros no meio de um circo, sob o olhar da multidão, enquanto de todos os lados do imenso anfiteatro rugia o grito assustador: 'Aos leões!'; e perto do grupo os tratadores de leões abrem a jaula dos animais. Oh! Perdoem-me, sublimes cristãos da era da perseguição, vocês que morreram para afirmar nossa doce fé de sacrifício e bondade, perdoem-me por trazer sua memória diante dos homens melancólicos de nossos tempos! ... mas nos olhos do anarquista que caminhava para a guilhotina brilhava, oh dor!, a mesma chama de loucura intrépida que iluminava os teus olhos!”

Algo semelhante seria dito mais tarde em relação aos assassinos pelo célebre psicólogo e literato Henri Leyret no livro *En plein faubourg* [“Nas Periferias”]. Não muito depois, Leyret reuniu em um volume e apresentou ao público as sentenças do “bom juiz” Magnaud. Eu poderia ir muito mais longe na reprodução de defesas e desculpas entusiasmadas pela violência anarquista por escritores como Edward Conte, Séverine, [Lucien] Descaves, [Victor] Barrucand, etc.

No final de 1897, o drama *Les Mauvais bergers* [“Os Maus Pastores”], de Octave Mirbeau, no qual a retórica mais violenta e revolucionária fluía em rios, foi produzido em Paris. Foi recebido com grande entusiasmo pelos intelectuais daquela cidade. Como na véspera da tomada da Bastilha, quando os poetas bajuladores e a própria rainha, os literatos e todos os espíritos inteligentes da aristocracia e da nobreza se entusiasmaram com os brilhantes paradoxos dos Enciclopedistas, e as damas da moda se prestaram voluntariamente a recitar a sátira mordaz de Beaumarchais e se deliciaram com as fantasias anarquistas de Rabelais, assim os intelectuais burgueses de nossos dias se deleitam em mergulhar na poesia e em exagerar as explosões de raiva que às vezes brotam dos profundos mistérios do sofrimento humano.

O próprio Émile Zola, depois de ter entrado na briga com um tiro de advertência, seu *Germinal*, um romance sombrio de destruição, glorificou os anarquistas em Paris, e até poetizou a figura de Salvat, o dinamizador, em cujo caráter é fácil reconhecer — pintado como ainda mais violento do que realmente era — Vaillant. Leia *Melée Sociale*, de Clemenceau, *Pages Rouges*, de Séverine, *Sous le sabre*, de Jean Ajalbert, *Soleil des Morts*, de Mauclair, *Chanson des Gueux* e *Les Blasphèmes*, de Jean Richepin, e *Idylles Diaboliques*, de Adolphe Retté; folheie revistas literárias aristocráticas como “*Mercur de France*”, “*La Plume*”, “*La Revue blanche*”, “*Entretiens politiques et littéraires*” e você encontrará, em prosa ou poesia, na crítica de arte, no teatro e nas resenhas de livros, expressões literárias de tamanha violência que você nunca encontraria em revistas anarquistas de verdade, assim como nunca as ouviria dos lábios de anarquistas de verdade.

É compreensível que os literatos tenham vindo a expressar expressões em tal contradição com suas crenças reais. O artista busca beleza em vez de utilidade em uma atitude; por causa dessa abordagem, o que o anarquista social pode entender, mas não aprovar, desperta entusiasmo no poeta ou escritor. O ato de rebelião para o qual não se

leva em conta completamente seus efeitos é moralmente condenável como qualquer outro ato de crueldade, mesmo que cometido com as melhores intenções; o ato de um cirurgião que corta uma perna quando apenas a amputação de um dedo do pé é necessária seria similarmente repreensível. Mas esses tipos de considerações sociais e humanas, essas distinções, são desprezadas por indivíduos que amam a rebelião não por seus objetivos, mas por seu próprio bem e por sua beleza estética.

Esses indivíduos são, acima de tudo, artistas e escritores educados na escola de Nietzsche (que nunca foi anarquista) que olham para todas as ações, por mais trágicas ou sublimes que sejam, apenas de um ponto de vista estético e desconsideram conceitos como bom e mau, útil e prejudicial.

Do pensamento anarquista, eles não vislumbraram nada além da emancipação individual; eles negligenciaram o problema social, isto é, o lado humanitário do anarquismo. Dessa forma, eles chegaram a conceber uma “anarquia” implacável na qual se pode adorar um Émile Henry, mas junto com ele um Passatore, um Nero ou um Ezzelino da Romano. Deve-se entender que os atos de tais indivíduos têm importância somente porque a prosa e a poesia, o drama ou o romance, a caneta ou o pincel, encontram neles uma fonte de beleza e forma. É bem sabido o quanto o amor por uma bela frase, uma expressão original ou um verso vibrante pode falsificar e deformar os pensamentos inatos e verdadeiros de um escritor. Leopardi, que poeticamente gritou: “Às armas, tomai-as aqui”, estava na prática pouco disposto e tinha pouca aptidão para realmente tomá-las. como Paul Adam, ele teria chamado de louco qualquer um que lhe perguntasse seriamente se ele aprovava o assassinato a sangue frio de um eremita por Ravachol (a quem, no entanto, ele qualificou como um “santo”).

Na apreciação de uma ação, o elemento estético é completamente diferente do elemento social e político. Bem, então, a uma doutrina (anarquismo) que é baseada em raciocínio científico e que é eminentemente sociopolítica, eles erroneamente atribuem aquela estética paradoxal que é única e puramente aplicável à poesia e à arte. Em todas as teorias de renovação e revolução, a arte e a poesia são certamente fatores de importância muito secundária, e nunca, absolutamente nunca, devem se impor ou ter o direito de guiar a ação individual ou coletiva apenas por causa dos efeitos estéticos.

Independentemente do valor inerente de uma ideia, a arte a apreende e a embeleza ao seu bel-prazer, mesmo correndo o risco de alterá-la totalmente em busca

de novas formas de expressão. É o destino de todas as ideias novas e audaciosas — que, por sua natureza, se prestam à fantasia artística. A história da literatura é prova de que a arte é, por natureza, rebelde e inovadora. Todos os poetas, todos os romancistas, todos os dramaturgos, eram originalmente rebeldes, embora mais tarde tenham trocado suas vestes boêmias pelo traje do acadêmico ou da cortesã.

Mas, voltando ao assunto, repito que há uma relação mínima ou nenhuma, fora de certas expressões e formas artísticas, entre o movimento anarquista social com suas bases sociológicas e políticas e o florescimento da literatura “anarquista”; e você encontrará a prova de que os militantes anarquistas são frequentemente cientistas e filósofos, e apenas em casos raros escritores e poetas. [Este certamente não é o caso hoje.] Como vimos, os apologistas da violência anarquista têm sido frequentemente reacionários políticos. E não obstante o fato de que por um momento eles se autodenominam anarquistas, mais cedo ou mais tarde eles retornarão a outro campo e se tornarão nacionalistas como Paul Adam, militaristas como Tailhade, ou socialistas como Mauclair.

Se é verdade que a arte é a expressão da vida de forma agradável, a literatura atual, tão saturada do espírito anarquista, é consequência da situação social em que nos encontramos e do período rebelde em que vivemos.

Mas, por sua vez, certos tipos de literatura “anarquista” violenta exercem uma influência sobre o movimento que não podemos deixar de examinar. A estética paradoxal dessa literatura teve enormes repercussões no mundo anarquista, pois contribuiu muito para a ocultação dos aspectos socialistas e humanitários do anarquismo e também influenciou não pouco o desenvolvimento da tendência terrorista.

Mas que fique claro: estou lidando com algo específico, e não pretendo que devamos frear a arte e a literatura, mesmo com o objetivo de defender a sociedade ou de melhorar o curso do movimento revolucionário.

Deixe-me lembrar um incidente. Quando Émile Henry jogou uma bomba em um café em 1894, quase todos os anarquistas que eu conhecia perceberam que era um ato ilógico e inutilmente cruel, e não esconderam seu desgosto e desaprovação. Mas durante o curso de seu julgamento, Henry fez sua celebrada autodefesa, que é uma verdadeira joia literária - admitida até pelo próprio Lombroso [Cesare Lombroso, um

criminologista reacionário] - e após sua decapitação tantos escritores não anarquistas elogiaram o homem executado, sua lógica e sua engenhosidade, que a opinião dos anarquistas mudou (geralmente, pelo menos), e o ato de Henry encontrou apologistas e imitadores. Como pode ser visto, a estética literária no final ignorou o aspecto social, ou, mais precisamente, o aspecto antissocial, do ato, e a doutrina anarquista real não tinha nada a agradecer no pequeno serviço prestado a ela pela literatura.

Este tipo de literatura é a melhor propaganda terrorista, uma propaganda que se buscaria em vão, em qualquer uma das publicações, livros, panfletos e periódicos que são a verdadeira expressão do movimento anarquista. Quem não se lembra, para citar apenas mais um caso, do magnífico artigo de Rastignac sobre Angiolillo (publicado no conservador “Tribuna” de Roma)? Apesar do fato de que o autor neste caso afirmou muitas verdades, a estas ele adicionou muitos equívocos, e Errico Malatesta, que é comumente considerado um dos anarquistas mais violentos, mas na realidade é um dos mais calmos e razoáveis, entrou na briga para combater essas ideias equivocadas. Devido à influência deste tipo de literatura violenta, e por nenhuma outra razão, não faltou uma pessoa para colocar em prática uma das mais violentas invectivas escritas pelo poeta Rapisardi depois que foi impressa em várias edições do periódico terrorista “Pensiero e Dinamite” [Pensamento e Dinamite]; e essa pessoa era um jovem siciliano culto e confortável que sofreu 12 anos de prisão por causa disso. Que desperdício.

Certamente Rastignac, como Rapisardi, poderia protestar, e ter razão para isso, contra acusações de cumplicidade, mesmo que indiretas. Mas isso não contradiz minha afirmação de que a sugestão literária e artística pode ser — e não sou o primeiro a dizer isso — o determinante não apenas de certos atos já realizados, mas também da direção mental de terroristas “anarquistas” que nunca apreciaram as induções de Reclus ou Kropotkin, ou a lógica esquelética, mas humanitária, de Malatesta.

Influências burguesas no anarquismo

Dissemos no capítulo anterior que a literatura burguesa, aquela literatura que encontra no anarquismo razão para uma nova e violenta atitude estética, contribui, sem dúvida, para produzir uma mentalidade individualista e antissocial nos anarquistas.

Os literatos e artistas, sem se preocuparem em considerar se isso pode ser aplicado à vida cotidiana, encontraram um elemento de beleza nos atos de indivíduos que, com o poder de sua inteligência e com soberano desrespeito por suas próprias vidas e as vidas dos outros, se colocam, com um violento ato de rebelião, fora do curso comum da humanidade. Para esses artistas e escritores, a beleza do gesto toma o lugar da utilidade social, com a qual eles não se preocupam. Então, eles idealizaram a figura do dinamizador anarquista porque mesmo em suas manifestações mais trágicas ele apresenta características inegáveis de originalidade e atratividade. Essa idealização literária e artística exerceu sua influência entre muitos anarquistas, que, por falta de conhecimento, ou desconhecimento da razão e da lógica, ou por temperamento, a tomaram como propagação de ideias, embora não passe de uma manifestação artística.

Em certos círculos anarquistas, os mais impulsivos e os menos informados, não se entendeu que esses escritores, que parecem competir na emissão dos paradoxos mais extravagantes, não têm convicções doutrinárias ou teóricas anarquistas. Eles pedem desculpas por Ravachol e Émile Henry da mesma maneira que em outros tempos teriam pedido desculpas por assaltantes de estrada. Não pode haver dúvida de que o bandido que ataca e mata um viajante fornece um assunto literário mais útil do que o ladrãozinho ou o batedor de carteira nas ruas; o primeiro pode fornecer o assunto para um drama ou romance, enquanto o segundo se presta apenas à comédia ou farsa. Nenhum indivíduo são, no entanto, pode negar que o bandido emboscador é mil vezes pior do que o ladrãozinho.

Esses posers literários, talvez sem querer, ofendem anarquistas caídos até mesmo nos elogios que fazem a eles, porque seus elogios extraem sua força e motivo precisamente daquilo que, de acordo com os princípios anarquistas, é doloroso e deplorável, embora talvez seja uma necessidade histórica. A mentalidade burguesa vê

neles [terroristas anarquistas] uma atitude que mais tarde se difunde no meio anarquista e tende a formar uma mentalidade [burguesa] ali como ela.

Da mesma forma, entre a burguesia você encontrará mais perdão para o assassino que tira uma vida da comunidade humana do que para o ladrão que, em última análise, não tira nada do patrimônio vital da sociedade, mas simplesmente muda o lugar e a propriedade das coisas. Igualmente, mudando os termos e deixando de lado comparações injuriosas, há alguns anarquistas que valorizam aqueles que matam em um momento de rebelião violenta muito mais do que valorizam o obscuro militante que, por meio de uma vida de trabalho constante, produz mudanças muito mais radicais na consciência e nos eventos.

Vou repetir o que já disse outras vezes: anarquistas não são tolstoianos — eles reconhecem que a violência (que é sempre uma coisa feia, seja individual ou coletiva) é frequentemente necessária, e que ninguém deve condenar aqueles que sacrificaram suas vidas por essa necessidade. Mas não estamos lidando com isso, mas com a tendência, derivada de influências burguesas, de ignorar objetivos e fazer das ações a preocupação primordial.

De acordo com meu entendimento, aqueles anarquistas que colocam uma importância primordial em atos de rebelião são talvez revolucionários e anarquistas, mas eles são muito mais revolucionários do que anarquistas. Eu conheci muitos anarquistas que se preocupam pouco ou nada com a teoria anarquista e nem tentam aprender sobre ela, mas são revolucionários inflamados cujas críticas e propaganda não têm outro fim senão o revolucionário, o da rebelião pela rebelião. E 'quanto mais ardentes e intransigentes eles são, mais cedo eles abandonam nosso campo e cruzam para o dos partidos autoritários e baseados na lei - sua fé em uma revolução que se aproxima rapidamente evapora através do contato com a realidade e sua energia é dissipada em conflitos muito violentos em seus arredores sociais.

A influência da ideologia burguesa sobre esses indivíduos é inegável. A importância máxima concedida a um ato de violência ou rebelião é filha da importância máxima concedida pela doutrina política burguesa a alguns “grandes homens” em comparação com aquela concedida à sociedade como um todo. E essa influência perniciosa aniquila em muitos anarquistas o senso de relatividade através do qual damos a tudo sua importância real, de modo que nenhum método revolucionário

será descartado a priori, mas cada um será considerado em relação ao fim desejado sem confundir seu caráter especial, funções e efeitos.

Determinamos então duas formas de influência burguesa no anarquismo: uma que se mostra na grande importância atribuída aos atos revolucionários em vez dos objetivos que tais atos deveriam ter; a outra é a da literatura burguesa decadente dos últimos tempos que idealiza as formas mais antissociais de rebelião individual. Há muito pouca separação entre essas duas formas, e por isso não fui capaz de considerá-las separadamente.

A burguesia exerceu uma influência extraordinária sobre o anarquismo quando assumiu a missão de produzir propaganda anarquista. Embora pareça um paradoxo, é verdade que muita propaganda anarquista foi produzida pela burguesia. Infelizmente, porém, o que eles produziram foi totalmente inútil para a disseminação de ideias verdadeiramente libertárias; mas isso não altera o fato de que eles desejaram zelosamente atribuir a todo o movimento anarquista os efeitos dessa propaganda espúria.

Em tempos de pior perseguição aos anarquistas, acontece que todas as pessoas marginalizadas da sociedade atual, e entre elas muitos criminosos, passam a acreditar seriamente que a anarquia é como descrita nos jornais burgueses, ou seja, algo muito bem adaptado aos seus hábitos antissociais. Embora por razões diferentes, é um fato que esses indivíduos se encontram, como os anarquistas, em um estado de rebelião contínua contra a autoridade constituída; isso dá origem a essa percepção equivocada e a encoraja. Na prisão e no exílio forçado, entramos em contato muitas vezes com criminosos comuns que se dizem anarquistas, sem, naturalmente, nunca ter lido um único periódico ou panfleto anarquista, e nunca ter ouvido falar de anarquia fora da imprensa burguesa.

E assim eles acreditam que a anarquia é precisamente aquilo que é descrito nos periódicos reacionários mais condenatórios, e como tal eles a aprovam ou desaprovam. Pense nisso — para aqueles que aprovam, o tipo de anarquia que teria que ser! Lembro-me de conhecer um homem na prisão condenado por crimes comuns, um falsificador inteligente e um poeta para começar, que acreditava seriamente ser um anarquista e disse isso aos seus juízes. Um deles perguntou-lhe como ele conseguia justificar seus crimes à luz das ideias que ele alegava professar. Ele respondeu:

“Aquilo que você chama de crime é um princípio da anarquia. Quando todos os homens se entregarem à delinquência desenfreada (estas são suas palavras exatas), então virá ou será a anarquia.” Como pode ser visto, ele abraçou a anarquia, mas no sentido dado nos dicionários burgueses, no sentido de desordem, confusão, caos.

Essa propaganda burguesa também tem seus efeitos mesmo entre aqueles que não querem nada com anarquistas. Nos tanques de contenção em Nápoles, encontrei alguns camorristas [membros da máfia napolitana] que acreditavam que os anarquistas realmente constituíam uma sociedade de malfeitores e, como tal, eram dignos de estar ao lado da “honrosa sociedade da camorra”. Em Tremiti, aquela cidade de exílio, fui informado de um modesto banquete de anarquistas e socialistas para o qual dois ou três camorristas foram convidados — os únicos exilados apolíticos na ilha — por simples decência humana que não tinha nada a ver com política; e quando chegaram ao brinde, e para grande surpresa, um dos camorristas levantou sua taça para a união dos “três partidos: camorra, anarquistas e socialistas” — contra o governo!

O brinde foi recebido com gargalhadas, pois é de conhecimento geral que a camorra se alia facilmente ao governo e contra os socialistas e anarquistas. Mas isso nos mostra como a mentalidade dos criminosos comuns passou a aceitar como verdadeira anarquia o que é circulado por jornais roubados pela polícia. Essa propaganda traiçoeira explica por que no período de 1889 a 1894 vimos tantos casos em que ladrões e falsificadores comuns se declararam anarquistas, dando aos seus atos um brilho pseudopolítico. Eles leram que a anarquia era o ideal dos ladrões de assassinos e disseram a si mesmos: "Sou um ladrão, portanto, sou um anarquista".

Isso também explica o fato, que tanto impressionou Lombroso, de que muitos criminosos comuns se declaram anarquistas ao serem encarcerados — mas não antes, observe bem. Quando sentem o calcanhar da autoridade em suas costas, pensam nos anarquistas, que em suas mentes são os criminosos mais terríveis devido ao seu ódio à autoridade, e quando entram em suas celas agarram o primeiro prego que cai em suas mãos e escrevem na parede, “o papel dos delinquentes”, “Viva l'anarchia!”

Mas esse fenômeno não dura muito. Eles logo percebem que, ao se autodenominar anarquistas, correm um risco maior do que ao roubar e assassinar, que o verniz anarquista influencia os tribunais a aumentar suas punições sem diminuir a antipatia que seus atos despertam. Além disso, eles encontraram na maioria dos

anarquistas uma indiferença glacial e uma desconfiança extraordinária em relação às suas conversas improvisadas sobre "a ideia" — quando alguém ou outro não os espanca; e então eles param de se autodenominar anarquistas.

Traços dessa propaganda burguesa, no entanto, persistem entre os anarquistas reais. Alguns levaram a sério os sofismas de algum delinquente genial e acabaram teorizando sobre a legitimidade do roubo ou da falsificação de dinheiro. Outros foram em busca de circunstâncias atenuantes, falando de “roubo com propósito de propaganda”, produzindo assim os fenômenos de Pini e Ravachol. Esses dois eram homens sinceros, mas por isso não foram menos vítimas do sofisma que é fruto da propaganda perversa dos periódicos e da calúnia burguesa. A exceção nunca foi a regra, porque aqueles anarquistas que de boa fé aceitaram a ideia de roubo, nunca foram na prática capazes de roubar nem uma agulha; enquanto aqueles que realmente se envolveram em roubo se protegeram bem de fazê-lo “para propaganda” e logo pararam de se chamar anarquistas — e continuaram sendo ladrões comuns.

Essa tendência vem desaparecendo entre os anarquistas. Mas, acima de tudo, ela mostra o que foi possível devido a uma influência completamente burguesa em sua origem — uma influência provocada por uma campanha de mentiras e perseguição contra anarquistas. “Os anarquistas”, eles dizem, “querem roubar a propriedade daqueles que a possuem, e por essa razão, os anarquistas são ladrões.”

Não é de se espantar, então, que alguns que se dizem ou se creem anarquistas — sobretudo aqueles que só ouviram falar do anarquismo por aqueles que o difamam — repito, não é de se espantar que alguns, especialmente indivíduos sem educação ou impulsivos, ou aqueles deficientes em capacidade de raciocínio, tenham acreditado e admitido todos os absurdos propagados sobre o anarquismo. Mas quem pode negar que, se estão se enganando, a responsabilidade é da má-fé da burguesia, dado que não há nada nas doutrinas ou programas anarquistas que possa justificar tais aberrações e desvios? No final, diríamos que parece um exagero, mesmo para aqueles que nunca viveram no ambiente anarquista, que muitos se tornariam anarquistas devido à propaganda enganosa de escritores e jornalistas burgueses.

As mentes dos homens, especialmente dos jovens, sedentas pelo misterioso e extraordinário, deixam-se facilmente arrastar pela paixão pelo novo em direção àquilo que, quando friamente examinado na calma que se segue ao entusiasmo inicial, é

absolutamente e definitivamente repudiado. Essa febre por coisas novas, esse espírito audacioso, esse zelo pelo extraordinário trouxe às fileiras anarquistas os tipos mais exageradamente impressionáveis e, ao mesmo tempo, os tipos mais cabeça-oca e frívolos, pessoas que não são repelidas pelo absurdo, mas que, pelo contrário, se envolvem nele. Elas são atraídas por projetos e ideias precisamente porque são absurdas, e assim o anarquismo passa a ser conhecido precisamente pelo caráter ilógico e ridículo que a ignorância e a calúnia burguesa atribuíram às doutrinas anarquistas.

Essas pessoas são os elementos que mais contribuem para desacreditar o ideal anarquista, porque desse ideal extrapolam uma infinidade de ramificações falsas e ridículas, erros grosseiros, desvios e degenerações, acreditando que, ao contrário, estão defendendo o anarquismo “puro”. Esses indivíduos mal entram no mundo do anarquismo quando percebem que o anarquismo, tal como concebido pelos filósofos, economistas e sociólogos anarquistas, é muito diferente daquele em que acreditam e aprenderam a amar através da leitura dos escritos enganosos dos escritores burgueses. Eles descobrem que o movimento segue um curso muito diferente do que eles imaginaram; em suma, eles observam que têm diante de si uma ideia, um programa que é completamente orgânico, coerente, positivo e possível — porque foi concebido com a apreciação da relatividade das coisas, sem a qual a vida se torna impossível. O caráter sério, positivo e lógico do anarquismo os irrita, e eles encontram conforto rápido em se juntar a essa massa amorfa que não sabe o que quer nem o que pensa, mas é implacável em demolir e desacreditar tudo o que os outros fazem de sério e bom, e em empregar a linguagem abusiva e autoritária, própria de seu temperamento e da origem burguesa de seu estado mental.

E mesmo quando suas ideias e críticas são originalmente justificadas, eles as exageram e deformam de tal maneira que um inimigo declarado não poderia fazer pior. Eles são como aqueles que veem que os padeiros estão assando mal o pão e então sustentam que é necessário destruir os fornos, ou aqueles que se convencem de que um pedaço de solo árido precisa de água e então se comprometem a inundá-lo com um rio.

Nenhum desses indivíduos teria vindo ao nosso acampamento se não fosse a atração exercida sobre eles pela propaganda burguesa “anarquista” falsa. Toda a campanha burguesa de invectivas, calúnias e pura invenção age como um espelho para

todos esses tipos marginalizados — marginalizados intelectualmente, materialmente, psicologicamente e fisiologicamente — que sempre se alinham com o absurdo, o incomum, o terrível e o ilógico.

Para se convencer disso, basta ter paciência para folhear coleções de dois ou três dos periódicos mais respeitáveis e oficialmente aceitáveis de 15 ou 20 anos atrás. Basta, da mesma forma, folhear toda a literatura ocasional daquele período que se refere a anarquistas e anarquismo e não é de origem anarquista, mas emana de círculos burgueses, policiais e até mesmo supostamente científicos. Revistas e jornais, conservadores e democráticos, inventaram e falaram mil mentiras cruéis sobre nós.

Quem não se lembra de *I misteri dell'Anarchia* [“Mistérios da Anarquia”], escrito por um picareta inescrupuloso? Não há história inacreditável que não seja atribuída a anarquistas, seja em romances, livros, revistas ou jornais de prestígio. O desejo de satisfazer o apetite público por coisas novas e estranhas leva romancistas, jornalistas e pseudocientistas a inventar um turbilhão de mil demônios e a frequentemente atribuir aos anarquistas, com pleno conhecimento dos danos que isso causa, uma força maior do que realmente existe — números incrivelmente inflacionados, e meios e métodos que os anarquistas nunca tiveram em suas mãos. Se isso, de um certo ponto de vista, atrai o tipo mais inconsciente de simpatizante, também dá um brilho de veracidade a todas as ideias ridículas e todas as intenções cruéis atribuídas aos anarquistas. No final, *Mistérios da Anarquia* pareceu uma história verdadeira para as mentes de muitos.

Por causa da maneira fantástica com que escritores e jornalistas burgueses apresentam o movimento anarquista, ocorre frequentemente que depois que algo acontece que foi interessante e valioso, ou pelo menos poderia suscitar alguma admiração, frequentemente seguem muitas fantasias mórbidas; e muitos malucos, muitos perdedores na luta social, tornam-se atraídos pelo anarquismo de uma maneira semelhante àquela em que em certos lugares e em certas mentalidades primitivas a figura de um Tiburzi ou um Mussolino, bandidos renomados, tornam-se atraentes por causa de seus atos às vezes imaginários. As vítimas mais atormentadas pela injustiça social podem facilmente ser levadas a aprovar, por meio de reação e vingança, o caráter belicoso e sangrento que os escritores burgueses atribuem ao anarquista.

Quantas vezes os “convertidos” pela imprensa burguesa vieram até mim e perguntaram o que tinham que fazer para serem admitidos na “seita”, e se encontrariam alguma dificuldade em se apresentar à “sociedade dos anarquistas”! E quando lhes pergunto o que acreditam que os anarquistas são, respondem: “Aqueles que desejam matar os ricos e aqueles que governam para distribuir sua riqueza e governar para que todos tenham um pouco.” Ah! Certamente não leram os panfletos de Malatesta, nem os livros de Kropotkin, nem os escritos de Malato; simplesmente leram as estupidezes na “Tribuna” ou no “Osservatore Romano” [jornal oficial do Vaticano].

Este impressionável estado psicológico dos despossuídos foi muito bem descrito por Henry Leyret em um estudo sobre os arredores de Paris. Durante um período de terror anarquista, segundo Leyret, o povo do distrito sentiu-se arrastado pelas condições enormemente desastrosas em que viviam e pelo espetáculo dos escândalos bancários, a simpatizar com os anarquistas mais violentos. "Aquilo que é anarquismo, aquilo que vale a pena, o público não sabe nada, ou até menos, sobre. Os anarquistas são considerados de um ângulo único e especial, com todos nós sendo comparados a Vaillant, que, é inegável, desperta uma certa simpatia por ser guilhotinado; que leva o público a aceitar teorias da conspiração... O povo se deleita com um mistério e se apaixona mais por uma pessoa quando ela aparece envolta em um poder oculto, neste caso atribuindo aos anarquistas uma formidável organização secreta..." (Henri Leyret, *En plein faubourg*, p. 257).

E essa coisa misteriosa que seduziu as pessoas mais miseráveis foi descrita como “anarquismo” na imprensa popular, que estava cheia, naquela época como sempre, de histórias fantásticas de reuniões anarquistas assustadoras, de tramas horríveis, de códigos, de datas, de nomes falsos e distorcidos, e tudo isso projetado para chamar a atenção do público para o anarquismo. Talvez, quem sabe, de um certo ponto de vista, isso pode ter sido o melhor porque provocou interesse e discussão sobre o anarquismo. Mas esse pequeno benefício potencial — um benefício que, incidentalmente, poderia ter sido obtido simplesmente dizendo a verdade e apresentando os fatos, que em si são interessantes o suficiente — permanece neutralizado por toda a confusão e distorção de ideias que foram criadas no campo anarquista.

É verdade que aqueles que vêm até nós atraídos pelo clamor dessa propaganda burguesa enganosa certamente melhoram suas ideias e jogam fora muito joio que antes tomavam por trigo; mas também é verdade, infelizmente, que devido ao temperamento que os predispôs a responder à propaganda burguesa, resíduos de influência burguesa permanecem neles. Entre aqueles que tomam uma direção mental equivocada, há poucos que sabem como, ou são fortes o suficiente, para retificá-la.

E assim temos aqueles que vêm às nossas fileiras com espírito de represália, por causa do ódio semeado em seus corações pela miséria e desesperança, que vêm precisamente porque acreditam que a anarquia é o espírito de represália violenta e vingança descrito pela burguesia; e eles se recusaram a aceitar a verdadeira concepção do anarquismo, isto é, a negação da violência e a sublimidade do amor como fundamento da solidariedade. Para esses indivíduos, o anarquismo continuou a ser violência, a bomba, o punhal, por meio de uma estranha confusão de causa e efeito, de meios e fins; e isso é tão verdadeiro que quando Parsons declarou que anarquismo não é violência, e Malatesta declarou que anarquismo não é a bomba, quase todas essas pessoas os tomaram por renegados. Há muitos que desejam fortemente corrigir esses erros, essas distorções burguesas vis, que se lembram de que o anarquismo não é a idealização da vingança, que a revolução que os anarquistas querem é uma revolução de amor, não de ódio, que a violência deve ser considerada um veneno mortal que só é empregável como um contraveneno imposto pelas necessidades da luta, e não pelo desejo de causar danos. Aqueles que sustentam essas ideias, mesmo que sejam os mais altruístas, são chamados de vis e covardes por aqueles cujos cérebros estão infectados com a teoria burguesa de que, como uma lei de ferro, a violência deve ser empregada.

Anarquia é o ideal de abolir a autoridade violenta e coercitiva do ser humano sobre o ser humano em todas as esferas, seja econômica, religiosa ou política. Para ser anarquista, basta abraçar essa ideia e, em consequência, trabalhar o máximo possível para propagar o conceito de que somente a ação direta e revolucionária do povo pode levar a uma emancipação social e econômica completa. Todos os que nutrem esses sentimentos, que sustentam essas ideias e lutam e as espalham são indubitavelmente anarquistas, mesmo que seu senso moral ache repugnante algum ato de rebelião ou vingança cometido por alguém que se autodenomina anarquista, ou mesmo quando estão convencidos de que todos os atos de rebelião individual são prejudiciais à causa.

Esses indivíduos podem estar enganados em suas opiniões, mas isso não significa que não sejam anarquistas coerentes, convictos e conscientes.

Há, por exemplo, anarquistas vegetarianos que incluem em suas crenças o vegetarianismo; mas, meu Deus, seria muito estranho se essas pessoas sustentassem que aqueles que não são vegetarianos não são verdadeiros anarquistas. É igualmente estranho que haja aqueles que sustentam que pessoas que não aprovam ou sentem simpatia por atos individuais violentos não são anarquistas. A propaganda pelo ato pode ser útil ou prejudicial, mas não é parte integrante da doutrina anarquista; é simplesmente um método de luta que pode ser discutido, admitido no todo ou em parte, ou excluído completamente; mas não constitui um artigo de fé (para me valer de uma frase católica) sem o qual não há salvação, sem o qual não se pode ser anarquista. Aqueles que acreditam no contrário e excomungam papalmente os outros, simplesmente porque não sentem uma simpatia predominante por Ravachol ou por Émile Henry, são vítimas da propaganda vil da burguesia, sob cuja palavra eles realmente acreditam que o anarquismo é violência. Infelizmente, ainda temos muitos desses intelectos míopes em nosso campo... Mas a influência burguesa não termina com a questão da violência, que tanto dividiu nossas energias e sobre a qual me debrucei tanto porque é muito importante, e à qual retornarei mais tarde.

Talvez alguém se lembre da minha polêmica com nosso amigo Zattero sobre a família e o amor na sociedade futura. Notei então que entre muitos anarquistas há uma tendência deplorável de aceitar como sua própria teoria tudo, ou pelo menos muito, que a burguesia inventou para combater o anarquismo. Já vimos como isso ocorreu com a questão da violência. Ocorreu igualmente com a questão das relações sexuais.

Para nos desacreditar, os escritores burgueses, usando como pretexto nossa crítica à natureza autoritária da família atual e à dominação das mulheres pelos homens, deduziram que queremos a abolição da família e, por isso, que queremos mulheres em comum, promiscuidade, filhos sem pais conhecidos, relações incestuosas, violência sexual e tudo o mais que seja o mais selvagem e, ao mesmo tempo, o mais ridículo que se possa imaginar. Na realidade, a doutrina anarquista, desde o início, não fez nada além de instar a purificação dos afetos de todas as intrusões e sanções estrangeiras, sejam elas legislativas ou clericais, políticas ou

religiosas; e junto com isso, a emancipação das mulheres, sua liberdade e igualdade com os homens, e a liberdade de amar sem a coerção da necessidade econômica ou qualquer outra autoridade externa ao próprio amor - em uma palavra, a redenção da família, restaurada às suas bases naturais: o amor recíproco e a liberdade de escolher.

Não quero dizer que esse conceito saudável de amor e família tenha sido repudiado pelos anarquistas. Não quero aceitar o conceito burguês brutal e difamatório — totalmente o oposto. Mas essa calúnia burguesa ainda exerce uma certa influência. Embora a imensa maioria dos anarquistas adote o verdadeiro conceito de amor livre baseado na união livre, não nos faltaram de tempos em tempos aqueles que, conhecendo as críticas burguesas, confundiram liberdade de amar com promiscuidade.

Ainda que disfarçada, essa teoria amorfa do amor tem origem burguesa. É consequência da mania de muitos revolucionários que abraçam como ótimo aquilo que os conservadores combatem com horror, ainda que os conservadores nos atribuam essas coisas para fins destrutivos.

A mesma coisa aconteceu em relação à organização. Os anarquistas sempre sustentaram que a vida não é possível sem associação e solidariedade, e que a luta e a revolução não são possíveis sem uma organização pré-existente de revolucionários. Mas é mais conveniente para os escritores burgueses nos pintarem como promotores da anarquia no sentido de confusão, caos; e eles começam a dizer que somos agentes do caos, inimigos de toda organização. E com isso eles desenterram Nietzsche e depois Stirner. Muitos anarquistas engolem a isca e, seriamente, tornam-se promotores do caos, stirneristas, nietzschianos e outros absurdos semelhantes. Eles rejeitam a organização, a solidariedade e o socialismo; alguns até acabam santificando a propriedade privada e, dessa maneira, acabam jogando o jogo do individualista burguês. Suas ideias se tornam, para usar a frase de Filippo Turati, o exagero do individualismo burguês.

A origem dessa mania de aceitar como bom tudo o que nossos inimigos acreditam ser ruim pode ser encontrada em todo espírito humano — contradição e contraste: “Meu inimigo acredita que isso é ruim, mas como meu inimigo nunca está certo, aquilo que ele acredita ser ruim é, pelo contrário, uma coisa excelente.” Há muito mais do que poderíamos pensar, especialmente entre os revolucionários, que

fazem essa equação, que por acaso pode estar correta às vezes, mas que em si mesma é extremamente enganosa.

“Ah! Vocês nos chamam de malfeitores? Pois bem, sim, nós somos malfeitores!” Quantas vezes essa frase escorregou dos lábios de alguns anarquistas — eles até têm um “hino dos malfeitores”. Até certo ponto, isso pode passar e até parecer um belo gesto de desafio ao inimigo. Mas não se pode admitir seriamente que os anarquistas são malfeitores... Mas, pelo contrário, pela força de repetir esse paradoxo, alguns acabam tomando-o como verdade demonstrada. “Quod erat demonstrandum!”, então exclama triunfantemente a burguesia, que, depois de nos chamar de ladrões, incendiários, inimigos da família e malfeitores, ouve com satisfação a exclamação desse paradoxo, mesmo que seja apenas um gesto de desafio. É necessário, então, evitar isso e não se apaixonar demais pelos paradoxos.

Fariamos melhor em buscar o que nos agrada independentemente do que nossos inimigos fazem. O melhor para nós é propagar nossas ideias sem considerar se a burguesia concorda ou discorda de nós.

Para resumir, devemos garantir que nosso movimento siga seu próprio caminho, independente da influência direta ou indireta da calúnia e ideologia burguesas, independentemente, seja no sentido positivo ou negativo, da conduta dos conservadores. E faremos um trabalho revolucionário e eminentemente libertário, na medida em que a teoria libertária nos mostra que devemos nos emancipar social e individualmente de todas as influências que não derivam e não respondem diretamente aos nossos próprios interesses, à nossa liberdade e aos nossos desejos.

Anarquistas e o uso da violência

Discutiremos rapidamente a “violência” verbal atualmente muito em voga entre as facções revolucionárias, especialmente aquele tipo de abuso verbal que tem o demérito de desperdiçar e deformar ideias, de dividir pessoas e semear rancor, de erguer cercas entre aqueles que, ao que parece, de outra forma estariam de acordo. Essa propaganda e polêmica que soa violenta é mais dolorosa que o corte de uma faca quando usada contra camaradas; e quando usada contra oponentes, tem precisamente o efeito oposto ao pretendido. Faz com que o público se aliene de nossas ideias e ergue um muro que nos separa e que nos reduz a eternos sonhadores.

Agora vou me ocupar da questão da violência — não apenas da variedade verbal — em relação ao anarquismo e à luta revolucionária contra a burguesia e o Estado.

Falando da degeneração verbal de um setor do anarquismo (ou o que passa por anarquismo) sob a influência da burguesia que influencia certos espíritos sofredores a aceitar tudo o que a burguesia deseja que se acredite sobre o anarquismo — tenho razão para repetir o que afirmei em muitos outros lugares e que nunca me cansarei de repetir: Anarquia é a negação da violência, e seu objetivo final é a paz entre os seres humanos. Se não empreguei exatamente essas palavras em outros lugares, o sentimento é idêntico.

Anarquia é a negação da autoridade, na medida em que é possível eliminá-la na sociedade humana. Uma sociedade anárquica só será possível quando nenhuma pessoa for capaz de, ou tiver os meios para, fazer qualquer outra pessoa, exceto por meio da persuasão, fazer o que ela não quer fazer. Não podemos prever se a eliminação da autoridade moral também será possível em um futuro próximo. Talvez não seja possível que ela desapareça totalmente, e eu nem sei se é desejável que ela desapareça totalmente — mas certamente diminuirá em proporção à importância e elevação da consciência individual em cada setor da sociedade.

Há uma certa autoridade que vem da experiência ou da ciência que não é possível dispensar e que seria loucura dispensar, assim como seria loucura para uma pessoa doente se rebelar contra os métodos de cura de doenças da autoridade médica,

para um pedreiro não seguir os planos do arquiteto ao construir uma casa, ou para um marinheiro não seguir as instruções do piloto ao navegar um navio. A pessoa doente, o pedreiro e o marinheiro obedecem voluntariamente ao médico, ao arquiteto e ao piloto porque aceitaram livremente a direção técnica deles. Bem, então, quando uma sociedade é estabelecida na qual não há formas de autoridade além daquelas da técnica, da ciência e da influência moral, ninguém pode negar que é uma sociedade anarquista.

Não estamos brincando com palavras. Pretendo falar de violência real, a da força material usada contra uma pessoa ou pessoas violando ou reduzindo sua liberdade, contra sua(s) vontade(s) e causando dano ou dor — ou simplesmente a ameaça de usar tal força. Não se pode dizer que algum dia garantiremos a anarquia perfeita e a paz social perfeita — já que nada neste mundo é perfeito — mas é inegável que a ausência de violência coercitiva é a condição sine qua non para a organização social anarquista.

Naturalmente, então, a violência só seria possível e necessária como uma forma de autodefesa contra a violência antissocial fora do pacto social livremente aceito, violência destinada a violar a liberdade e a tranquilidade do povo. Os desconfiados e aqueles que fazem ouvidos moucos ao termo “pacto social” clamarão aos céus — como se nós, anarquistas sociais, quiséssemos estabelecer um estado ou um sistema obrigatório de vida para todos. Isso é totalmente equivocados. Errico Malatesta, em seu panfleto *Fra Contadini* [“Entre Camponeses”] delineou a questão nos seguintes termos:

“Nessas questões”, disse George, um dos personagens do diálogo, “o que queremos fazer por meio da força é colocar em propriedade comum os materiais primários do solo, os instrumentos de trabalho, edifícios e todas as riquezas existentes. Em relação aos meios de organizar a produção e distribuir produtos, as pessoas farão o que quiserem... Pode-se prever quase com certeza que em alguns lugares o comunismo será estabelecido, em outros o coletivismo, em outros talvez sistemas diferentes; e mais tarde, quando os resultados dos vários sistemas forem vistos e pesados, o que parecer melhor será adotado em comum. O essencial é que ninguém tente comandar o resto, nem se aproprie da terra e dos meios de produção. Devemos estar alertas a isso para impedi-lo se começar a ocorrer...”

È às perguntas sobre o que faríamos se alguém se opusesse ao que os demais concordaram ser de interesse comum, ou se alguns violassem as liberdades dos outros pela força, ou se alguns se recusassem a trabalhar e prejudicassem os interesses dos demais, Malatesta responde:

“Nos piores casos... se houvesse aqueles que não quisessem trabalhar, seríamos reduzidos a expulsá-los da comunidade, dando-lhes os materiais e ferramentas necessárias para que trabalhassem separadamente... Então (quando alguém tentasse violar a liberdade dos outros) naturalmente seria necessário recorrer à força, dado que se é injusto que a maioria oprima a minoria, o contrário também não é justo; assim como as minorias têm o direito à insurreição, as maiorias têm o direito à autodefesa...”

Nesses casos, a liberdade individual não é ignorada porque “sempre e em todas as áreas os seres humanos terão o direito inegável a materiais e ferramentas de trabalho”, que os permitem, é claro, separar-se. Deve-se entender que o mesmo raciocínio é válido para minorias, que sempre terão o direito de se rebelar contra uma maioria que desejaria violar seus desejos e liberdade, pois se isso ocorresse a anarquia existiria apenas no nome, não de fato. Mas mesmo nesse caso estaríamos lidando com violência defensiva, não ofensiva, cuja necessidade demonstraria, na análise final, que a anarquia ainda não havia triunfado.

Eu sustento, em referência a uma futura sociedade libertária e socialista, que a mínima quantidade possível de violência deve ser usada, e então apenas para propósitos defensivos, nunca para propósitos ofensivos. Estou falando de violência direcionada contra seres humanos, dado que a luta pela vida sempre conterà uma certa quantidade de violência, direcionada, se não contra seres humanos, certamente contra as forças cegas da natureza. Como Gauthier, Kropotkin, Lannesan e outros mostraram, a luta pela vida entre os homens deve ser suplantada pela associação, pela ajuda mútua, pela luta contra a natureza, para que obtenhamos a quantidade máxima de bem-estar possível.

Em relação ao passado, será necessário fazer um estudo histórico completo para determinar quais instâncias de violência social foram benéficas e quais foram nocivas, quais foram úteis e quais foram prejudiciais ao bem-estar e progresso humanos. Muitas guerras certamente parecem ter tido efeitos benéficos, embora a guerra em si seja uma coisa má. Mas alguém poderia, estudando-as bem, também descobrir seus

efeitos prejudiciais. dado que eventos históricos não podem ser absolutamente divididos entre bons e maus, entre úteis e prejudiciais. Mas deixaremos de lado o passado, sobre o qual minha opinião, em geral, é que as instâncias mais úteis de violência social foram esmagadoramente aquelas das várias revoluções contra tiranias que oprimiram política e economicamente seus povos.

Ninguém ainda pôs em dúvida a utilidade de certas instâncias de violência individual e coletiva de Harmodius ou Felice Orsini, da rebelião de Spartacus — ainda que atormentada por saques — às infinitas reviravoltas da grande Revolução Francesa. Mas, repito, deixaremos o passado porque o que nos interessa é o presente, e especialmente o que interessa ao anarquismo.

Então, por exemplo, pode-se dizer que hoje a violência na luta é sempre condenável? Certamente que não. Um jornal em Roma que me perguntou sobre esse assunto obteve a resposta — que eles escolheram não imprimir — que não escolhemos deliberadamente a violência por amor à violência em si, mas porque condições particulares da luta nos forçam a empregá-la. Na sociedade atual, a violência está em todo lugar e absorvemos sua influência e provocação por todos os poros; e frequentemente precisamos devorar para evitar ser devorados.

Isso é certamente algo doloroso que contradiz nossos sentimentos anarquistas. Mas o que podemos fazer? Ainda não temos o poder de escolher certas formas de vida social em detrimento de outras, de escolher os tipos de relações humanas mais em harmonia com nossas ideias. A partir do momento em que não desejamos ser apenas uma escola de discussão filosófica, mas também um movimento revolucionário, devemos empregar os métodos exigidos de nós pela situação e que as ações de nossos adversários nos influenciam a usar, métodos que eles próprios empregam.

Nesse sentido, podemos dizer que anarquistas e revolucionários se encontram em um estado legítimo de defesa em sua rebelião contra a opressão e a exploração. Os oprimidos e explorados nunca são os primeiros a empregar a violência, porque a violência original vem daqueles que oprimem e exploram — precisamente porque a exploração e a opressão são formas contínuas de violência muito mais terríveis do que qualquer ato impaciente de rebelião individual ou mesmo de um povo em rebelião. É de conhecimento comum que mesmo a mais sangrenta das revoluções não criou tantas

vítimas quanto uma única guerra de curta duração, ou mesmo de um único ano de miséria da classe trabalhadora.

Podemos concluir disso que os anarquistas sempre desaprovam a violência, exceto em casos de autodefesa contra ataques pessoais ou coletivos isolados e passageiros? Nem em seus sonhos; e quem quiser atribuir a nós uma ideia tão estúpida é ignorante e mal-intencionado. Mas também seria ignorante e mal-intencionado argumentar que somos sempre e a qualquer custo a favor da violência. A violência, além de estar em si mesma em contradição com a filosofia do anarquismo, é uma coisa que nos entristece porque causa lágrimas e dor. Ela pode se impor por necessidade, mas se seria fraqueza imperdoável condená-la quando é necessária, também seria repreensível empregá-la quando fosse irracional, inútil ou contrária aos nossos interesses.

Em suma, e isso se aplica a todos os revolucionários, nunca devemos abdicar do nosso próprio julgamento. Se quisermos publicar um artigo, editar um panfleto, organizar uma conferência ou reunião, sempre medimos primeiro se vale a pena o esforço de gastar tempo e dinheiro, e decidimos afirmativamente quando concluímos que os resultados prováveis valem o esforço necessário para obtê-los. Então, por que não deveríamos usar o mesmo processo de tomada de decisão quando o custo, como Malatesta acertadamente observa, é calculado em vidas humanas — para ver se esse custo obterá, no mínimo, o mesmo efeito ou efeito equivalente que alguma outra forma de propaganda obteria? Certamente, em questões desse tipo não é possível fazer uma medição precisa dos prós e contras de todos os atos; mas no sentido relativo as considerações mencionadas anteriormente mantêm sua importância: como regra geral, a razão deve ser preferida ao acaso ou ao irracional.

Para dar um exemplo, se em algum momento fosse necessário para o triunfo de uma revolução atear fogo a uma biblioteca, eu que amo livros consideraria um crime me opor à queima, mesmo que eu considerasse o fogo uma desgraça. A violência do inovador, não importa quão implacável seja, é sempre empregada com pensamento amoroso: “Ele comete crueldades compassivamente”, diz Giovanni Bovio. Da mesma forma, o amor é o guia quando a cirurgia é realizada em uma pessoa doente. Mas o que diríamos de um cirurgião que operaria simplesmente pelo prazer de operar?

Para dar um exemplo mais adequado, na Rússia todos os ataques contra o governo, seus representantes e seus apoiadores são considerados justificados até mesmo por nossos adversários e nossos partidários mais moderados — mesmo quando pessoas inocentes são feridas. Mas as mesmas pessoas desaprovam esses atos se fossem cometidos cegamente contra transeuntes na rua, frequentadores de teatro ou pessoas sentadas em um café.

“A nova sociedade não deve começar com um ato vil”, disse Nicola Barbato em sua memorável declaração diante de um tribunal militar. Seria vil pecar por excesso de sentimentalismo quando uma ação revolucionária é necessária; mas seria igualmente um erro esperar o triunfo de uma revolução violenta guiada pelo ódio, que, como Malatesta apontou em um artigo doze ou quatorze anos atrás, nos conduziria a uma nova tirania, mesmo que ela se cobrisse com o manto da anarquia.

Linguagem violenta em polêmicas e propaganda

Uma das razões pelas quais a propaganda revolucionária, e especialmente a anarquista, é tão difícil de ouvir e tão pouco persuasiva é que ela emprega uma forma e uma linguagem tão abusivas que, em vez de angariar simpatia, a repele — junto com o interesse daqueles que a ouvem.

Lembro-me da primeira vez que periódicos anarquistas caíram sob meu olhar; seu estilo, em vez de me persuadir, me ofendeu, e eu provavelmente nunca teria me tornado um anarquista se, além de ler periódicos, meu interesse não tivesse sido despertado por uma discussão bem-humorada com um amigo e pela leitura atenta de livros e panfletos calmos, sérios e não virulentos. E também me lembro que o que chamou minha atenção e despertou minha simpatia pelo anarquismo foi precisamente a linguagem abusiva com a qual ele foi atacado por escritores burgueses de todos os matizes durante o período de 1892–1893.

Ao ler aqueles ataques violentos, percebi a fraqueza dos argumentos autoritários; foi precisamente a miséria dos argumentos contra o anarquismo que me persuadiu, por um lado, da razoabilidade do libertarianismo e, por outro, que quando o objetivo da propaganda é convencer em vez de esmagar, quanto mais pobre o argumento, mais abusiva a linguagem. Desde então, toda vez que empreendi uma polêmica, nunca me senti tão certo de mim mesmo como quando fui grosseiramente atacado: "Você está furioso? É porque você está errado", costumo dizer a mim mesmo quando penso em meu oponente.

E estou satisfeito que minha atitude seja exibida por todos os anarquistas científicos e culturais mais notáveis, e seja demonstrada pela eficácia de sua propaganda. Peter Kropotkin, lembrando a fundação de "La Révolté", observa:

"Nosso periódico era moderado na forma, mas revolucionário na substância... Os periódicos socialistas frequentemente tendem a submergir em uma lamentação sobre as condições existentes... miséria e sofrimento, etc., são descritos em cores vivas. Para combater o efeito depressivo que essas lamentações produzem, eles então recorrem à magia das palavras violentas, com as quais tentam incitar seus leitores... Acredito, ao contrário, que um periódico revolucionário deve se dedicar, acima de

tudo, a acolher os sinais que em todos os lugares são o prelúdio do advento de uma nova era, a germinação de novas formas de vida social, a crescente rebelião contra as velhas instituições... Aquilo que faz o trabalhador sentir que seu coração bate em uníssono com o coração da humanidade em todo o mundo, aquilo que participa da rebelião contra a injustiça secular, nas tentativas de criar novas condições sociais... Sustento que essa deve ser a missão primária de um periódico revolucionário.”

Dado que o objetivo da propaganda é persuadir, é necessário saber empregar a linguagem apropriada. Lembro-me de um anarquista francês que, em artigos, conferências e até mesmo em conversas pessoais, começava chamando seus adversários de “bestiais”, fossem eles padres ou empresários, republicanos ou socialistas, ou mesmo anarquistas que não compartilhassem de suas opiniões. Imagine um oponente que nos tratasse tão grosseiramente. Se o assunto não terminasse em uma briga de socos, é pelo menos certo que ele nunca nos persuadiria, mesmo que tivesse toda a razão do mundo a seu lado.

Deveríamos então calçar luvas para lidar com nossos inimigos e com aqueles que enganam o público? Certamente não, mas ainda é preferível que o abuso seja empregado em argumentos verbais, em vez de formas não verbais. Claramente, as pessoas abriram os olhos até certo ponto e odeiam aqueles que as dominam, então não é necessário ter medo de falar.

Em certas circunstâncias, seria vil e perigoso silenciar a própria indignação. Mas estar sempre indignado, aconteça o que acontecer, mesmo quando se fala de materialismo histórico, de individualismo ou de concentração de capital, é pueril e envolve o risco de que nossos adversários não nos levem a sério, tendo se acostumado a palavras e frases hiperbólicas que eventualmente perdem sua eficácia completamente.

Conheço terras relativamente livres onde não há obstáculos à propaganda escrita, onde a fantasia mais desenfreada pode ser usada para atacar o universo inteiro com a mais violenta dinamite literária e bombas incendiárias disponíveis para qualquer um que deseje atacar a “vil burguesia”. A polícia nesses países não tem motivo para alarme, porque aqueles que escrevem com tanta fúria logo esgotam todo o seu repertório de retórica dura e não têm efeito sobre seus leitores. O pior é que quando chega o dia em que é realmente necessário elevar o tom de voz em artigos e discursos,

escritores e oradores são impotentes para produzir a menor impressão sobre um público já cansado de sua virulência. E então a propaganda perde três quartos de seu valor.

Frequentemente somos estridentes na propaganda não para convencer, mas sim para derrubar nossos adversários, ou para produzir um gesto literário "bonito". Esse foi o caso de Tailhade, que escreveu admiráveis desculpas em prosa e verso para cada ataque político fisicamente violento, mas que fechou suas tendas após um ano na prisão e se juntou ao partido nacionalista porque isso teria tido consequências ruins para ele se ele tivesse continuado com a apologética anarquista.

O “gesto bonito” pode ser bom e útil — mas somente quando é feito com valor e dignidade, quando a insolência é abertamente jogada na cara do inimigo e quando a responsabilidade por ela é aceita. Então a palavra se torna carne e resulta na propaganda do feito. Mais de uma vez vimos aqueles considerados tímidos entre os anarquistas, que quando apresentados à ocasião eram heróis diante de baionetas ou tribunais; e, em contraste, vimos muitos falastrões terríveis ficarem em silêncio quando o perigo se apresentou, ou, pior ainda, se tornarem figuras de ridículo, como alguns dos editores mais estridentes de “Sempre Avanti” de Livorno, e de “Ordine” de Turim, que nos anos de 1893–1894 escreveram com uma bomba de dinamite na mesa do editor, mas que quando levados a julgamento renunciaram ao anarquismo, convocaram o pároco para testemunhar seus bons caracteres após receberem devotamente a comunhão, se autodenominaram anarquistas spencerianos evolucionários, e outras coisas ainda piores. É menos prejudicial quando a linguagem abusiva tem mérito artístico ou incorpora um conceito substancialmente correto; mas na imensa maioria dos casos, as declarações mais abusivas são expressas em um vocabulário que causa riso ou dor.

Naturalmente, o que foi dito acima deve ser tomado com cautela, pois, infelizmente, em certos círculos, a linguagem estridente na propaganda e na polêmica se tornou tão habitual que muitos acreditam que ela é indispensável e ficarão ofendidos com minhas palavras. Mas não falo desses valentes e leais camaradas, ou melhor, sim, estou falando deles, mas para convencê-los dos fatos acima — que é prejudicial à propagação de nossas ideias persistir em métodos inadequados, métodos que são prejudiciais. Se aqueles que leem o que eu digo são pessoas razoáveis e

evoluídas, não os incomodará que eu esteja cutucando um ponto sensível. Sem dúvida, irritará aqueles poucos que sabem que estão fazendo um trabalho maligno para fins inconfessáveis de vaidade ou sucesso pessoal, ou glória pseudorrevolucionária.

A verdade é que muitos que falam alto e forte também sabem como trabalhar efetivamente; e há aqueles que não se limitam a usar termos moderados, mas também são moderados em substância, em ações. Admiro os primeiros e deploro os últimos, e me sinto mais próximo dos primeiros, mesmo que possamos estar separados por diferenças doutrinárias ou táticas. Mas a verdade continua a mesma — as coisas devem ser feitas tendo o fim em mente.

O objetivo da propaganda e da polêmica é convencer e persuadir. Bem, então, não podemos convencer e não podemos persuadir com linguagem abusiva, insultos e invectivas, mas sim com cortesia e os efeitos educacionais de nossa postura e ações. Somente quando uma força que nos ameaça ou oprime coloca um obstáculo material em nosso caminho, um obstáculo que não podemos superar sem recorrer à violência — seja oposição à nossa propaganda, um obstáculo ao nosso movimento ou limitação brutal de nossa liberdade e bem-estar — somente então a violência é lógica; mas então ser "violento" em palavras seria muito ridículo. Para apresentar um exemplo, eu diria que é ridículo tentar convencer as pessoas com violência, assim como seria ridículo tentar vencer uma insurreição com simples argumentos escritos ou falados.

De acordo com o que eu disse antes, nem todos aqueles que gritam mais violentamente são covardes, assim como nem todos aqueles que falam moderadamente são feitos do metal dos heróis, mas o dano à nossa propaganda dos hábitos dos primeiros é imensuravelmente maior do que o dano dos hábitos dos últimos. Se amanhã, na luta material, aqueles que não pregam e se posicionam como caras durões e machões se mostrassem covardes, seria ruim, mas seria um mal não observado. Mas se aqueles que falam sobre coisas terríveis e atraem a antipatia daqueles que discordam deles se mostrassem covardes, o efeito seria desastroso. E o povo e nossos adversários teriam razões plausíveis, à primeira vista, para não nos levar a sério.

A verdade é que em tempos de calma, a palavra rude que é um tapa moral na cara praticamente se torna uma necessidade quando nos encontramos diante de um fato que nos torna indignados ou oponentes de reconhecida desonestidade. Mas a

palavra dura de protesto e o tapa moral na cara são muito mais eficazes quanto menos são empregados.

Tente, em vez disso, usar uma linguagem que seja moderada na forma, mas que em substância expresse o que você quer dizer completamente e sem compromisso; e tente habituar seus leitores à forma educada da polêmica. Então, quando por um bom motivo você tiver que elevar o tom da sua voz, veja se você não é melhor compreendido do que seria se gritasse constantemente como um demônio.

Na propaganda é sempre necessário tocar uma corda que ressoe no coração humano, e isso será impossível se você habituar seu espírito à violência. Depois da primeira impressão, o hábito assume o controle. É como uma pessoa que fica a princípio enormemente impressionada ao simplesmente ouvir o disparo de um revólver, mas depois não fica nem um pouco agitada quando está em um campo de tiro. E precisamos agitar incessantemente para chamar a atenção para nossos argumentos.

Poder-se-ia objetar, e com razão, que vivemos numa atmosfera de tal violência e maldade que nem sempre é possível preservar a serenidade desejável. Ninguém contestaria isso; minhas observações só têm valor sugestivo para aqueles que se dedicam à propaganda. Da mesma forma, é verdade que há instituições e pessoas com as quais não é possível ser tolerante, com as quais temos o dever sacrossanto, como diz nosso poeta, de combatê-las “sem respeito e sem cortesia”. Por exemplo, quando se fala do governo, seria estúpido procurar eufemismos.

A verdade é que quando se fala mal de gente desprezível é preciso ter muito cuidado para não atribuir a ela ações que não cometeu, para não dar a ela um pretexto para protestar e proclamar sua bondade e honra. Por excesso de indulgência nesse tipo de exagero, demos origem entre nossos adversários à frase irônica: “Está chovendo. A culpa é do governo!” Mas todos os governos, mesmo não sendo responsáveis pela chuva, causam danos muito mais graves, e não é preciso ter medo de atacá-los. Nunca se pode atacar governos, padres e patrões o suficiente, e se polêmica e propaganda duras forem empregadas somente contra eles, nada precisa ser dito, exceto o que já mencionei.

Mas a “violência” da linguagem na polêmica e na propaganda, a “violência” na palavra e na escrita, que às vezes resultou tristemente em violência física contra

peçoas, a “violência” que eu deploro acima de tudo, é aquela que é empregada contra outros partidos progressistas, mais ou menos revolucionários, não que isso importe, que são compostos de oprimidos e explorados como nós, peçoas como nós que desejam trazer mudanças positivas na atual situação sócio-política. Aqueles partidos que aspiram ao poder, sem dúvida, quando o alcançarem, se tornarão inimigos dos anarquistas. Mas como isso ainda está distante, como suas intenções podem ser boas e também gostaríamos de nos livrar de muitos males que eles querem eliminar, e como temos muitos inimigos em comum contra os quais poderíamos, talvez, lançar mais de uma batalha, é inútil, quando não é prejudicial aos nossos interesses, tratá-los abusivamente, dado que o que agora nos divide é uma diferença de opinião; e tratar alguém de forma abusiva porque ele/ela não pensa ou trabalha como nós é uma grande presunção, um ato antissocial.

A propaganda e a polêmica dirigidas a elementos dos outros partidos devem, para atraí-los, persuadi-los do valor do nosso raciocínio. O que já dissemos em linhas gerais, que aqueles que são tratados como maus se convencem de que são maus, é muito aplicável a elementos assimiláveis — jovens, trabalhadores, mentes já despertas, aqueles que já estão no caminho da verdade. O impacto do abuso os atrasa neste caminho em vez de empurrá-los para a frente. Alguns de seus líderes podem ser traiçoeiros, mas diga-me, temos certeza de que não há peçoas trabalhando da mesma maneira entre nós? Deveríamos atacá-los a todos, reuni-los todos na mesma rede, quando o que queremos é atacar aqueles que trabalham traiçoeiramente, e não todos em todo o partido? Certamente muitas de suas doutrinas estão erradas, mas para demonstrar seu erro não é necessário insultá-los; alguns de seus métodos são prejudiciais à causa revolucionária, mas trabalhando de forma diferente, à nossa maneira, e usando o exemplo e a demonstração fundamentada, mostraremos a eles que nossos métodos são melhores.

Todos os comentários neste panfleto sugeriram-se a mim por causa de um fenômeno que observei em nosso próprio acampamento. Nós nos acostumamos tanto a gritar sobre tudo, que fomos perdendo gradualmente nossa apreciação do valor das palavras e suas diferenças de significado. Os mesmos adjetivos depreciativos servem igualmente para manchar o padre, o monarquista, o republicano, o socialista e até

mesmo aqueles anarquistas que têm o azar de não pensar como nós — e este é um defeito básico.

Sem querer me deter nas inúmeras vezes em que ouvi os termos "mistificadores", "clérigos", "loucos", "covardes" e outras sutilezas semelhantes entre bons camaradas, basta dar um exemplo que encontrei (e cito com desgosto) em um periódico que se autodenomina "anarquista". Na coluna de cartas, eles têm um correspondente chamado Fulano (nome fictício) que promete que "durante o próximo congresso de anarquistas sociais em Roma, jogarei uma bomba neles". Isso pareceria uma piada, uma piada de mau gosto, certamente, se todo o periódico não fosse um testemunho dessa frase rancorosa, quase odiosa.

É um lugar-comum que as brigas são mais comuns entre irmãos... e isso faz uma irmandade miserável. Eu insistiria contra esses métodos tristes e dolorosos. Para mim, o único método adequado parece ser não recorrer a insultos, ou no máximo, limitar-nos a expor aqueles que usam linguagem abusiva ou vêm semear confusão e discórdia em nosso campo.

Eu ainda acredito que seria melhor que nos conhecêssemos e, acima de tudo, trabalhássemos sem perder de vista que temos diante de nós nosso inimigo, nosso verdadeiro inimigo que espera o momento de nossa fraqueza para nos atacar. Nunca, à maneira daqueles partidos em que a ação é a única razão de ser, poderia ser dito com mais razão que a preguiça é o pior dos vícios — e a discórdia é o primeiro.

Nem sempre, especialmente daqueles adeptos do uso da caneta, o abuso contra camaradas ou contra nossos amigos em partidos com fins semelhantes é o tipo mais rude, que talvez não seja o pior. Quantos golpes dados com malignidade consciente, quantas ironias elegantes, quanto sarcasmo, quanto ridículo usamos às vezes para derrubar um adversário! Essas armas são usadas especialmente quando sabemos que não estamos certos, quando nossas consciências nos dizem que estamos atacando alguém que não merece e, em vez disso, merece nossos elogios. Então, para parecer superior, a propaganda se torna duplamente prejudicial, porque não apenas não convencemos a pessoa que atacamos, mas também enojamos aqueles que a têm em estima.

Outro defeito grave em polemizar ou criticar alguém é a presunção a priori de má-fé. Naturalmente, quando lidamos com alguém que trabalha traiçoeiramente, não

devemos ter medo de dizê-lo. Mas para tratar alguém como alguém que lida com má-fé, é necessário apresentar provas evidentes para qualquer um. Será suficiente apresentar tais provas para colocar decorosamente um fim a uma polêmica. E se a prova não for autoevidente e não houver certeza absoluta, seria um erro basear uma polêmica rude em presunções vagas e simples. É preferível, mesmo que se suspeite do contrário, supor boa-fé em seus adversários, sem hesitar em criticá-los quando sua má-fé mais tarde se tornar evidente.

Em geral, quando se trata de propaganda proselitista ou polêmica, é preciso construir a discussão sobre uma base de boa-fé mutuamente admitida, dado que o propósito é convencer o maior número de ouvintes que simpatizam com o adversário. Se discuto a conquista do poder público com o chefe de um partido político, sei bem quão difícil será convencê-lo, mas o que me interessa principalmente é que aqueles que o seguem ouçam o que eu digo.

Além disso, devemos tratar as ideias dos outros e suas pessoas com respeito quando as discutimos com pessoas que não conhecemos. Imagine se tivéssemos discussões com outros anarquistas em locais distantes. O que eles diriam se os tratássemos como se fossem tolos e traiçoeiros, baseando-nos em uma interpretação arbitrária de um evento isolado, ou em algumas frases ditas sobre nós, ou em um artigo em um periódico, etc.? O que eles diriam se atribuíssemos a eles ideias que eles não tinham, tendendo a pensar mal deles em vez de bem? O que eles diriam, em suma, se os tratássemos não como camaradas sinceros, mas sim como adversários mal-intencionados que queremos denegrir e aniquilar? Eles diriam que somos pessoas ignorantes, maliciosas e intolerantes que pretendem estrangular a voz daqueles que não pensam como nós. Eles diriam que desejamos difamar em vez de convencê-los, por causa de um espírito predominante de supremacia e um desejo de destruir suas reputações.

E já que estamos falando de linguagem abusiva, falemos também, antes de terminar, daquela que é dirigida não contra pessoas, mas contra ideias, e que podemos chamar de “violência retórica”.

Quando nos engajamos em propaganda, temos o costume, para causar a maior impressão, de falar e escrever de maneira figurada, por meio de contraste, hipérbole, símile. É um método natural e ao qual devemos recorrer quando nos dirigimos a

peessoas que são incultas ou de espírito simples, e como tal muito impressionáveis, e em quem podemos inculcar nossas ideias mais vividamente e profundamente por meio de imagens do que por raciocínio frio e matemático.

Mas essa utilidade tem um perigo. Enquanto todos nós temos uma tendência natural a exagerar argumentos e imagens quando escrevemos ou falamos sobre coisas que nos excitam, esse mesmo exagero às vezes neutraliza o efeito de nossas palavras. Vamos ser claros. Parece-me que nós, anarquistas, não deveríamos fazer muitas distinções: governos que são monárquicos, teocráticos, socialistas, republicanos, são para nós quase iguais e devemos combatê-los todos. Mas se fazemos distinções, não deveríamos fazê-las em favor das piores formas de governo.

Por isso não se pode dizer que a mentira secular é pior que a mentira religiosa. A mentira religiosa é sempre a mais potente e venenosa de todas, de uma maneira muito mais prejudicial que a mentira secular, que, não por mérito intrínseco, mas por sua fraqueza inerente, é menos venenosa. Deixe-me explicar: se você sofre de dor de dente; você certamente não argumentaria seriamente que é pior que um ataque de apoplexia. Definitivamente não é bom sofrer de nenhuma dessas coisas, mas se alguma distinção precisa ser feita, francamente, preferiríamos a dor de dente. Você não concorda?

Aqui está o que Malato diz em relação à Revolução Russa, argumentando com certos camaradas que sustentam, por amor à hipérbole, que as coisas são piores na França do que na Rússia. Este é um exagero que traz como conseqüências o desinteresse pelo movimento russo e a abstenção do protesto realizado por intelectuais e trabalhadores em Paris em favor dos revolucionários russos. [Estas linhas foram escritas antes que os bolcheviques tomassem o controle e trássem a Revolução Russa.] O que deve ser dito é que se o governo francês é mais liberal do que o da Rússia, não é por seu próprio mérito, mas porque o povo francês soube fazer uma revolução, uma Comuna e, conseqüentemente, soube resistir à violência reacionária. O que deve ser dito é: Desejamos que o povo russo saiba o que fazer melhor do que o povo francês, e o faça melhor...

Deixemos, então, de lado os exageros inúteis, os abusos inúteis e as polêmicas fratricidas, e trabalhemos em prol de outra coisa, por menor que seja, em vez de perder tempo batendo papo.

Luigi Fabbri